

MEMÓRIA E IDENTIDADE: UMA LEITURA DE *OS MENINOS MORENOS* E *NAS RUAS DO BRÁS*

Doutoranda Leonice Rodrigues Pereira (USP)¹

RESUMO: Este texto apresenta uma leitura comparada de duas narrativas de memória, dedicadas ao público infantil e infanto-juvenil – *Os Meninos Morenos*, de Ziraldo, e *Nas Ruas do Brás*, de Drauzio Varella, em que seus Narradores rememoraram suas experiências infantis. O enfoque desta análise é a presença de diversas etnias e culturas, oriundas das mais diversas regiões do planeta, no processo de construção da identidade do protagonista de cada uma das obras, revelando, assim, a complexidade da formação do homem latino-americano, caracterizada pelo encontro de diferentes povos.

PALAVRAS-CHAVE: Memória, narrativa, diversidade, cultura, povos.

No uso de um discurso em primeira pessoa, os Narradores² de *Os Meninos Morenos* (2004), de autoria do escritor Ziraldo, e o de *Nas Ruas do Brás* (2001), de Drauzio Varella, apresentam-se imbuídos de elevada carga de experiências de vida e conhecimento – este com mais ou menos 58 anos e aquele com 72 anos de idade. Ambos interpretam e recriam as recordações de uma infância passada num espaço e tempo muito distinto do mundo que os cercam no momento da narração.

Ziraldo se constrói no texto como um dos “meninos morenos”. Refere-se a si mesmo como um representante da grande maioria dos habitantes da América Latina, cuja pele, demais aspectos físicos e culturais trazem os traços essenciais e marcantes de inúmeras etnias e culturas de povos de origem local (o índio) e povos oriundos das mais diversas regiões do planeta que aqui, neste continente, se encontraram e se misturaram:

Quando o homem branco chegou na minha terra, encontrou meninos com carinha igual a de todos os meninos que viviam nas florestas úmidas da América ou nas altas montanhas dos Andes. Depois eles trouxeram os negros da África, que não queriam vir. E vieram também os árabes e outras gentes da Ásia. E todos se misturaram sem registro e sem cartório (ZIRALDO, 2004, p. 06).

Tanto Ziraldo quanto Varella, talvez este de forma mais direta e acentuada, tratam em seus textos de algo bastante peculiar à espécie humana desde as suas origens: o desejo de enraizar-se em um determinado local, conviver com o habitual e o tradicional e de deslocar-se de um espaço a outro, rompendo obstáculo, aventurando-se com o novo e com diferente. De acordo com a história da humanidade, antes de ser sedentário, o homem foi nômade. Faz parte de sua natureza o desejo de transitar por outros mundos distintos, muitas vezes distantes

¹ Universidade de São Paulo – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. E-mail: pereira.leonicerodrigues@gmail.com

² O termo “Narrador” será utilizado com base na abordagem de Antonio Candido ao tratar das memórias de Pedro Nava em “Poesia e Ficção na Autobiografia” (1987, p.51-69).

das terras onde nascera. Para Domenico De Mas a “aldeia e o porto, o deslocamento e a caverna convivem e lutam dentro de nós, como necessidades biológicas herdadas da Pré-história, ambas vertentes indispensáveis ao percurso da civilização” (2000, p. 163).

O médico e escritor Drauzio Varella, neto de espanhóis e portugueses, dá relevância no início de seu texto à vinda de seus avós para o Brasil no início do século XX, fazendo questão de se colocar como parte e fruto desse acontecimento marcante para a história e cultura brasileira e latino-americana de modo geral, que é a chegada dos imigrantes, procedentes de diversas partes do mundo, mais especialmente da Europa, para trabalhar no lugar do escravo negro, libertado naquela época por não atender mais aos requisitos do Capitalismo. O Brasil e demais países do “novo mundo” constituíam-se como uma “terra prometida” para aqueles que, nos seus países de origens (pertencentes ao “velho mundo”), viviam sequiosos por uma vida menos desprovida, de melhor qualidade. “No começo do século, muitos europeus, cansados da guerra e da pobreza em que viviam, emigravam para o Brasil” (VARELLA, p. 06). Dentro dessa abordagem, o pesquisador Herbert S. Klein (1999, P. 14-5), ao tratar dos fatores de expulsão ou de atração responsáveis pela imigração, numa visão crítica, aponta que poucos são aqueles que migram por desejo de mudança ou de aventura. Em sua perspectiva, o deslocamento em massa de pessoas do “velho mundo” para o “novo mundo” se dá, então, pela busca de sobrevivência. Se pudessem escolher, jamais optariam por deixar suas casas, suas tradições, suas comunidades de origem.

Ao falar de sua infância vivida às margens do grande rio Doce em Minas Gerais, o Narrador de *Os Meninos Morenos* coloca-se como um personagem comum, representado não só às crianças da região onde viveu, mas de todo um país ou mesmo de um continente: “Quem sabe essa gente morena que hoje habita o Brasil inteiro não vai ser, no livro de História Geral do ano quatro mil, por exemplo, um povo que surgiu nas Américas?” (ZIRALDO, 2004, p. 06). Ao traçar um diálogo direto de seu texto de memórias autobiográficas com a poesia de Humberto Ak’abal - um poeta guatemalteco que também versa sobre sua vida de menino, com quem o Narrador declara identificar-se - Ziraldo projeta-se como parte do corpo de intelectuais que discutem e pensam atualmente a complexa realidade étnica e cultural latino-americana.

Ao traçar o perfil do homem latino-americano, através do relato de sua história pessoal, acredito que o Narrador queira trazer para reflexão a possibilidade da união desses países que podem constituir entre si uma comunidade, levando em consideração as diversas características em comum que possuem. Essa visão de Ziraldo está em consonância com a abordagem de Benjamim Abdala Junior (2002). Para este, em oposição ao processo de desagregação dos Estados nacionais, muito presente no mundo atual, pode acontecer o comunitarismo, o qual propiciará o surgimento de uma agregação supranacional:

Se pensarmos com os pés no Brasil e a cabeça deslocando-se para outros territórios que nos interessam, duas formas de articulação político-cultural se nos impõem: aquelas que apontam para a América Latina e as que têm em seus horizontes os países da língua portuguesa. (...) Num mundo de fronteiras múltiplas, torna-se politicamente indispensável ao pensamento crítico considerar o sentido estratégico dessas associações comunitárias supranacionais, com base no comunitarismo cultural (2002, p. 31).

Ao analisar o percurso de desenvolvimento da humanidade, observa-se que a cultura se constrói historicamente e de maneira dinâmica, através do contato entre diferentes povos e diversas culturas (Cf. ABDALA JUNIOR, 2002, p. 21). É o que se dá com a chegada dos imigrantes na primeira metade do século XX à América Latina. Fato este representado nos primeiros capítulos de *Nas Ruas do Brás* pela chegada ao Brasil dos avós do protagonista, vindos da Espanha e de Portugal: “Como outros estrangeiros, meu avô foi morar no Brás”

(2000, p. 07). O sujeito, ao se deslocar, não só transforma-se a si mesmo, mas também o outro com quem mantém contato. Dessa maneira, o homem ao habitar um novo espaço contribui para dar a este uma nova face, transformando assim sua cultura, seus valores e, enfim, todo o modo de vida de que passa a fazer parte.

As ações da narrativa de Varella concentram-se na grande São Paulo e em especial em um de seus bairros, o Brás. Este adquire relevância na narrativa, considerando que dados extras-textos apontam o referido espaço como destaque quanto ao aspecto da diversidade cultural e étnica. No período de 1880 a 1980, metade dos cinco milhões e meio de imigrantes que vieram para o Brasil, ficaram em São Paulo. Além do mais, se avalia atualmente que na capital paulistana existem mais de cem etnias ali representadas.

As ruas do Brás constituem um espaço em constante metamorfose, marcado pelos acontecimentos do período industrial. O Brás é um bairro da cidade São Paulo de maior destaque no que diz respeito à dinâmica da imigração, devendo considerar que é lá que situava a famosa Hospedaria do Imigrante. Construída em 1886, com o objetivo de abrigar todos os imigrantes, os quais chegavam de navios aportados em Santos, e encaminhá-los para o trabalho. A hospedaria tinha capacidade para acolher até três mil pessoas. Aproximadamente dois milhões e meio de imigrantes e sessenta nacionalidades diversas passaram por lá. Tamanha era a concentração de imigrantes italianos no referido bairro que os espanhóis, portugueses e brasileiros, como relata o Narrador, eram vistos ali como figuras estranhas. Observa-se ainda que o evento da imigração ganha relevância na obra de Varella com presença da foto, no primeiro capítulo, registrando chegada dos imigrantes ao Porto de Santos (2000, p. 07).

A obra *Nas ruas do Brás* revela o lado avesso e contraditório das grandes potências européias tanto nos aspectos culturais, quanto nos políticos e econômicos. Grande massa de pessoas, de baixo poder aquisitivo, oriunda dos países europeus, por conta das dificuldades em que viviam, são pressionados a migrarem para as terras do além mar em busca de melhores condições de existência. Dando prosseguimento a essa reflexão, o mapa “Morenocentrico” de Ziraldo (2004, p. 74-5), que coloca a América do Sul na sua posição central também vai na contramão do eurocentrismo: “Hoje resolvi desenhar o mapa de novo, do jeito que eu fazia quando era menino. Só que agora vou trocar o centro do mapa de lugar. Vou fazer o mapa-múndi com a terra dos meninos morenos no meio do mundo” (Idem, p. 73). Em sentido contrário ao eurocentrismo também foi a atitude de Ziraldo que alinhou seu texto não só à tradição literária européia ou norte-americana, mas especialmente à poesia de um latino-americano, Humberto Ak’abal.

O branco colonizador, ao se instalar na América Latina, trouxe com ele sua forma política, a sua cultura e a sua história. O historiador europeu e mesmo os oriundos de outros países, privilegiaram “a história do Ocidente em detrimento da história do resto do mundo” e especialmente a “história nacional em detrimento da história de seus vizinhos” (GRUZINSK, 2001, p. 55). Ao colocar no centro do mapa-múndi a América Latina, creio que o Narrador de *Os meninos morenos* não está apenas agindo no sentido inverso ao pensamento eurocêntrico, mas assumindo seu ponto de vista a partir de seu lugar de origem, pois se assume étnico-culturalmente como fruto dessa mistura planetária presente no cotidiano de cada um de nós. Dessa forma Ziraldo, através de seu texto, nos chama a atenção para o fato de que “o ocidental não é mais o universal”. O Narrador mostra-se consciente da importância do seu espaço e cultura de origem na constituição de sua identidade, mas sem descartar a importância da cultura e etnia do homem ocidental na sua formação, principalmente através das origens da mãe, cuja família era constituída por “uma mistura danada” inclusive de pessoas brancas, isto é, de origem européia, pois havia “gente de olho verde, de cabelos negros, de cabelos louros, de rosto fino, de rosto largo, (...) de pele muito morena, pouco morena...” (ZIRALDO, 2004, p. 71). Na sua abordagem, Ziraldo não descarta os elementos

oriundos do pensamento da tradição ocidental que lhe são relevantes para a reflexão sobre a natureza de seu texto, ao referir-se à obra de Fernando Pessoa ou ao tratar, de forma direta ou indireta, das idéias proustianas a respeito da memória involuntária, como acontece nesta passagem referente à figura importante do seu avô: “Convivi com esse homem por quase cinquenta anos. Toda vez que ouço a chuva tamborilando no telhado, sinto uma enorme sensação de aconchego e segurança” (Idem, p. 13).

Nesse sentido, Ziraldo não dá primazia apenas ao autóctone em detrimento dos valores europeus, considerando que o pensamento e os valores culturais indígenas não apresentam mais dentro de seus contornos e estado de “pureza”. O seu enfoque está sempre no surgimento de um povo diferente através da mistura de várias etnias e culturas.

Ao centrar-se no espaço das ruas, como está dito no próprio título do livro - *Nas Ruas do Brás* - a narrativa de Varella institui como seu o espaço externo à casa. O espaço íntimo da convivência familiar aparece muito pouco descrito pelo Narrador. Como se tratava de um menino, cabia a ele dominar o espaço fora e distante da residência. Às meninas não lhes era permitido afastar do interior ou dos arredores da casa e nem participar das brincadeiras masculinas, ocorridas geralmente nas ruas do bairro. Constata-se esta que nos remete aos valores morais e sociais da época. Nos anos quarenta e cinquenta do século passado, tempo da narrativa, apesar da mulher, muitas vezes, já dividir com o marido a função de prover a casa e a família, não lhe era consentido muito do que era realizado pelo homem.

Da mesma forma que o Brás é um espaço importante por abrigar representantes de diferentes povos em decorrência da imigração em São Paulo, Lajão, onde o herói de Ziraldo passou sua infância, mesmo sendo uma pequena cidade, foi muito importante quanto a essa dinâmica dos encontros inter-pessoais de diversas nacionalidades e culturas, considerando o fato da mesma sediar uma importante estação da ferrovia Vitória-Minas, ponto de passagem das pessoas. O próprio nome da cidade carrega em seu sentido histórico algo importante nesta abordagem, pois Lajão se referia a uma grande laje de pedra na qual aportavam, em tempos passados, embarcações que percorriam o curso do Rio Doce. Deve-se considerar ainda que este teve grande valor como via de acesso à região para os europeus, que vinham em busca da conquista de Minas Gerais e do Espírito Santo. O Rio Doce serviu como via de ligação dessa região com o mundo, contribuindo assim para que houvesse o encontro entre pessoas de origens distintas.

Nesse texto, o “menino moreno” (o protagonista) corresponde, de forma dialógica, a um personagem de uma outra obra de Ziraldo, publicada pela primeira vez em 1996, *O Menino do Rio Doce*, por priorizar o próprio rio enquanto um elemento relevante em suas memórias. O menino, personagem desta obra se identifica com o próprio Rio Doce, o qual aparece com muita força poética na narrativa e também na formação do personagem principal de *Os meninos morenos*: “As foscas lembranças do Lajão me levavam também para um quintal dividido por uma cerca e avançando para o mistério até chegar à beira do rio grande, um barranco alto de onde eu via o rio mais largo do que o mar...” (ZIRALDO, 2004, p. 14).

Dessa forma, o rio, representação simbólica do tempo e do próprio curso das memórias, apresenta valor sublime no texto de Ziraldo como um todo e especialmente na constituição do personagem principal.

O rio com o fluir de suas águas é também símbolo da fertilidade, da morte e de renovação. A corrente de suas águas representa o curso da vida e da morte. E a sua descida rumo ao oceano, como acontece com o Rio Doce, resultando no ajuntamento das águas, significa o retorno ao princípio, isto é, o fim de um ciclo e o início de um outro. Conforme a antiga concepção grega, o rio possuía um sentido muito rico, a quem eles cultuaram como um dos deuses. O rio possuía um sentido carregado de mistérios, ao mesmo tempo que tinha o poder de irrigar, transportar os barcos, tinha também o poder de submergir, inundar e afundar

as embarcações. Assim, ao mesmo tempo em que o rio era venerado, era também temido (Cf. CHEVALIER, 1994, 780-1).

Essa gama de sentidos que tem o rio pode equipará-lo, metaforicamente, ao ser humano com todos seus enigmas, complexidade e riqueza em sua constituição. Dessa forma, o penetrar na busca pela compreensão do homem latino-americano, focalizado por Ziraldo e indiretamente abordado por Varella, é como penetrar nos e percalços das águas turvas de um grande rio em períodos de cheias. Desse modo, o ser humano pode ser identificado com rio, na sua acepção complexa, cheia de mistérios e surpresas.

Em *O Menino do Rio Doce*, o protagonista e a própria narrativa têm sua existência confundida com a do rio, pois esta é interrompida, no final do livro, com a seguinte passagem: “o rio se desmancha no azul da água salgada do mar. Onde a história do homem que veio vindo com o rio – menino feito de água – agora vai começar...” (ZIRALDO, 1996, p. 28). As reticências além de significar o possível prosseguimento da narrativa, indicam, enfim, a continuidade das águas do rio num novo ciclo, representando o começo da vida adulta do protagonista, que agora sai para o mundo como o rio que se desmancha no mar. Neste sentido, no curso de seus relatos o narrador, em terceira pessoa do discurso, faz a seguinte reflexão: “pelo rio vai se para o mundo” (Idem, p. 24).

No livro de Varella, o contato do protagonista com o rio também representa essa sua busca pelo mundo, quando ele, livre dos cuidados maternos, na sua caminhada rumo à adolescência e conseqüentemente à sua fase de homem crescido, lidera o grupo de meninos até mais velhos que ele nas suas conquistas cada vez mais amplas, tanto no que diz respeito ao espaço físico, quanto aos aspectos social e psicológico: “Era muito difícil chegar até as águas do rio. O barranco era alto e inclinado” (VARELLA, 2000, p. 59-60). O rio, naquele momento, lhes é apresentado através de uma gama de significados muito contraditórios: ao mesmo tempo em que lhe é temido, o rio representa o proibido, proporciona-lhe aventura e a sensação de liberdade, palavra esta que intitula um dos capítulos do texto: ao falar do rio, Varella quer também abordar o processo de transformação ocasionado pelo progresso em São Paulo. É, então, a ação do homem quebrando o percurso da natureza: “Naquela época o rio Tietê não era poluído como hoje” (Idem, p.59).

O Narrador de Varella coloca em sua perspectiva certa dose de saudosismo em relação às experiências vividas na infância. Nem as doenças e as mortes freqüentes pela falta de recursos da medicina da época afetaram o olhar positivo do Narrador, não só de Varella, na sua linguagem direta de médico, mas também de Ziraldo que lança mão de uma linguagem bastante subjetiva e brincalhona para tratar dos acontecimentos trágicos da sua infância: “Os bichinhos que matavam muitos de meus parceiros da infância não eram visíveis a olho nu” (ZIRALDO, p.39).

Ziraldo, ao tratar do passado, recria suas lembranças através de um discurso recheado de figuras, imagens e simbologia, revelando assim sua capacidade bastante reconhecida em lidar com o amplo universo das palavras.

O fluxo das águas do rio, nas duas narrativas em análise, nos remete ao fluxo da narrativa, que traz à tona as experiências vividas pelos protagonistas em tempos remotos. O mergulho nas recordações, através da memória, é tão complexo e emblemático como o mergulho nas correntezas de um rio. É um mergulho também do ser, no seu “eu”, mas em constante diálogo com o outro. Ao voltarem para si, para o seu mundo em particular, esses Narradores também tratam de questões essenciais e profundas da existência humana num todo. Antonio Candido em “A Poesia e Ficção na Autobiografia”, analisando as memórias de Drummond, afirma que o Narrador estabelece um duplo distanciamento do seu eu presente:

primeiro como adulto que focaliza o passado de sua vida, da sua família, da sua cidade, da sua cultura, vendo-os como se fossem objetos de certo modo

remotos, fora dele; segundo, como adulto que vê esse passado e essa vida, não como expressão de si, mas daquilo que formava a constelação do mundo, de que era parte.

A experiência pessoal é confundida com a visão externa do mundo da sociedade como um todo, pois a autobiografia se transforma numa “heterobiografia, história simultânea dos outros e da sociedade”, mas sem prejudicar o cunho individual, que é o filtro de tudo na narrativa (CANDIDO, 1987, 56).

Varela constrói esse percurso em busca do seu ser através de uma linguagem direta e objetiva, a qual conta para sua clareza com as ilustrações das fotos e desenhos, além do contraste marcado pela grafia das letras pretas sobre o papel de cor branca.

Ao analisar os aspectos formais da obra *Os Meninos Morenos*, observa-se que a sua grafia e seu *designer* têm por base a utilização predominante da cor marrom, “cor da terra”, expressão esta que aparece com muita frequência em toda a narrativa. O colorido da capa, assinalado pelo desenho de diferentes pessoas com roupas de cores diversificadas, somado à foto também colorida de Ziraldo ao lado das crianças guatemaltecas, na contracapa, corresponde semanticamente a essa idéia de mistura de elementos diversos, distintos e que está em consonância com a simbologia da cor marrom, se considerar o processo de aquisição desta, constituído pela fusão do vermelho com o preto. Ao analisar a simbologia da cor marrom, percebe-se que a mesma pode estar associada à própria terra latino-americana, ao “enraizamento” de pessoas neste continente, oriundas de diversas regiões do planeta, e à perspectiva de futuro apresentada (num primeiro momento) pelo colonizador e (num segundo momento) pelos imigrantes. O colorido diversificado expressa, então, a vida e em especial toda a dinâmica de mistura de povos que, apesar dos seus contrastes, dão origem a um novo povo.

Neste sentido, é relevante analisar o uso do marrom em várias tonalidades (através da monocromia) por Ziraldo, na composição da maioria dos desenhos, cujos contornos, muitas vezes, não são bem definidos. Este aspecto acentuado pelas letras em pouco contraste com a cor bege do papel - que também não contrasta com o colorido bastante diversificado das ilustrações da capa e de alguns poucos desenhos no corpo do texto (em que há a predominância do vermelho, uma das cores responsável pela aquisição do marrom) - contribui na narrativa para uma atmosfera de imprecisão e de subjetividade. A indefinição não se dá só em relação ao olhar do Narrador, mas especialmente em relação à perspectiva do leitor, pois cabe a este definir o sentido daquilo que lê. Esse fato está condizente à própria natureza da memória definida pelo Narrador de *Os Meninos Morenos*; para quem a falta de contornos precisos das imagens lembradas é decorrente do longo espaço de tempo existente entre o momento da narração e o momento dos acontecimentos relatados:

Quero voltar porque preciso esclarecer tantas histórias. Ali vivi dos três aos seis anos. Todas as lembranças são neblinosas e fora de ordem. A anta que, todas as tardes, atravessava a vila, caminhando calmamente em direção ao rio é, na minha lembrança, uma mancha negra flutuando, em câmara lenta, numa nesga de luz (ZIRALDO, 2004, p. 11).

A Linguagem subjetiva ganha força também pelo aspecto sombrio caracterizador do texto como um todo. Há ausência de luz tanto nas cenas descritas, quanto nos desenhos monocromáticos. A atmosfera noturna ganha ênfase em toda a narrativa, especialmente, na sua conclusão, cuja abordagem dá à lua a cor marrom. Segundo o Narrador, a lua não deve ser representada na sua forma habitual, mas na cor “dos meninos morenos”. O caráter fosco presente nessa narrativa de Ziraldo, ligado a idéia de imprecisão, pode ser relacionado à própria complexidade e à difícil empreitada que é esta viagem para dentro de si, a busca da

compreensão do “eu” através da rememoração. E, ao rememorar o seu passado, o sujeito desvenda a si enquanto um ser universal.

Se entendermos que as experiências particulares do Narrador é parte de um todo da sociedade, a que faz parte, podemos também analisar, na perspectiva do sociólogo Halbwachs, que a memória individual é “um ponto de vista sobre a memória coletiva” ponto de vista este que se transforma conforme o lugar ocupado pelo “eu” que rememora e essas modificações se dão também conforme as relações estabelecidas pelo indivíduo com diferentes meios (HALBWACHS, 2004, P. 55).

Tanto Ziraldo quanto Varella iniciam a narrativa com uma passagem, cujo protagonista é a figura imponente do avô, determinado em realizar a empreitada de uma travessia. Nos primeiro capítulo de *Nas ruas do Brás*, o avô paterno do protagonista atravessa o mar para estabelecer-se no Brasil e, em *Os meninos morenos*, o avô materno, a quem o menino (personagem principal) tanto venera, muda com toda sua família de um lugarejo para outro situado às margens do Rio Doce. A ligação entre o protagonista e a figura do avô, em ambas as obras, representa a proximidade estabelecida entre si pela criança e pelo velho em nosso contexto sócio-cultural do meio onde estão inseridos, cabendo ao último o papel de narrar, voltar ao passado, em especial, ao passado da infância vivida remotamente, a qual interessa muito à criança do presente da narrativa, sequiosa em ouvir histórias, cujos protagonistas são personagens da sua faixa etária (período este das décadas de trinta, quarenta e/ou cinquenta, em que a televisão ainda não reinava no espaço doméstico). Agora velho, o Narrador, no tempo da narração, também se identifica com o avô contador de histórias lá de sua infância, e volta-se para esta. Assim, o avô, isto é, a figura do velho ocupa um papel fundamental na constituição da narrativa de memória, que é puxar e entregar ao neto esse “fio” de todas as recordações envolvendo a memória dos antepassados da família e da sociedade da qual faz parte.

Ambas as narrativas são concluídas com um fato noturno e festivo: a festa de despedida do herói de Varella que sai do Brás, cumprindo aí uma fase de sua vida - a da infância - e o sonho de seu pai e a festa natalina, de “um ano qualquer”, de Ziraldo. A noite indica simbolicamente o fim de um ciclo e o começo de uma nova fase da existência: o menino deixa de ser criança para dar início à vida de homem crescido. A noite festiva pode representar também o término do trabalho do Narrador e o início da caminhada do leitor, que deverá lidar com a luminosidade (objetividade) do texto de Varella e tatear no “lusco-fusco” do texto de Ziraldo, composto por uma linguagem bastante poética e subjetiva, constituída por um forte lirismo.

A memória individual não se processa de forma independente, ela tem como apoio as percepções provocadas pela memória coletiva. A constituição de uma memória autobiográfica, pessoal traz como base de apoio a convivência com vários grupos durante toda a vida. E essas memórias ancoradas nas percepções e lembranças coletivas são responsáveis pela constituição identitária do sujeito. Ao alinhar suas lembranças das experiências que vivenciou, inserindo-se como parte de uma sociedade, o Narrador processa uma espécie de ajuntamento, colagem ou bricolagem dos fragmentos e preenchimento de lacunas, através do imaginário, de tudo que restou das recordações de seu passado. É uma espécie de juntar os cacos, no mundo moderno marcado pela fragmentação, em que a narrativa, o rememorar, apesar do pouco espaço que usufrui, possui grande responsabilidade no sentido de tornar o individual parte integrada de um todo.

Referencia Bibliográfica

ABDALA JUNIOR, Benjamim. **Fronteiras Múltiplas, Identidades Plurais**: um ensaio sobre mestiçagem e hibridismo cultural. São Paulo, Senac, 2002.

CANDIDO, Antonio. Ficção e Poética na Autobiografia. In: **Educação Pela Noite**. São Paulo: Ática, 1987. P. 51-69.

CHEVALIER, Jean & GREERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos**. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

GRUZINSK, Serge. **O Pensamento Mestiço**. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

HALBWACH, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução Lais Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

-----, **Los marcos sociales de la memória**. Traducción de Manuel A. Baeza y Michel Mujica. Caracas: Anthropos, 2004.

KLEIN, Herbert S. Migração Internacional das Américas. In: FAUSTO, Boris. (org). **Fazer a América**: a imigração em massa para a América Latina. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1999. P. 13-32.

MASI, Domenico de. **O Ócio Criativo**. Tradução de Lea Manzi. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

VARELLA, Dráuzio. **Nas Ruas do Brás**. Ilustrações de Maria Eugênia. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000.

ZIRALDO, Alves Pinto. **Menino do rio doce**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1996.

-----, **Os Meninos Morenos**. São Paulo: Melhoramentos, 2004.